



O POLITÉCNICO

GRÊMIO POLITÉCNICO • ANO LXX • SÃO PAULO, OUTUBRO DE 2015 • EDIÇÃO 04

NESTA EDIÇÃO:

E a redução de velocidades nas marginais?



PÁGINAS 7 E 8



**ENTREPRENEURSHIP
LEVEL: 4S**

PÁGINAS 3 E 4



**A PRIMEIRA SEMANA
DE DIVERSIDADE**

PÁGINA 6



O QUE É FEMINISMO?

PÁGINA 5

STRAIGHT LINES PÁGS 4 E 5

SPEED POLI PÁG 7

XXVI SAPO PÁG 8

“AULAS NA POLI” PÁG 9

FOODTRUCK DA PM PÁG 9

**TODA REUNIÃO DE FAMÍLIA, O
MESMO 7 A 1 PÁG 9**

**PRATOS EXÓTICOS DO BANDEJÃO
PÁG 10**

**AS CRÔNICAS DE UM POLITÉCNICO
QUE ERA POLITÉCNICO DEMAIS
PÁG 10**

**COISAS LEGAIS QUE ACONTECEM
NA USP E VOCÊ NÃO SABE, NESTA
EDIÇÃO: CINIME PÁG 8**

**KITNETS DA SOLITUDE - A DIFÍCIL
TAREFA DE MORAR SOZINHO PÁG 11**

RESENHA MUSICAL PÁG 11

EDITORIAL

Sim, amigos politécnicos! O nosso querido periódico não tão periódico está aqui. O Jornal O Politécnico vive e dá suas caras mais uma vez, a primeira e única desse semestre (infelizmente). Dificuldades e desafios são as palavras do momento. Dificuldades pela redução da equipe editorial em relação ao primeiro semestre, a qual por motivos de agenda politécnica, com compromissos e obrigações que todos entendemos bem, afinal, estamos todos no mesmo barco, não pode se manter com a mesma constância e fazer o jornal funcionar a todo o vapor. Desafios por sermos nós mesmos os responsáveis por toda a diagramação do jornal, um aprendizado totalmente novo. Essa é a primeira edição totalmente

diagramada em casa! Como todo início, tem seus pequenos tropeços, por isso pedimos paciência, iremos ficar bons nessa arte, prometemos!

O DNA de nosso jornal continua exatamente o mesmo, ser um canal de comunicação e expressão do politécnico - informação, opinião, humor, arte - dos mais variados assuntos, fomentar o gosto pela escrita e leitura com discussões essenciais. Considero essa edição bastante completa com os nossos propósitos. Espero que possam aproveitar o conteúdo e, caso interessar, participem da equipe editorial para o ano seguinte. Toda ajuda nesse processo de reformulação será super bem vinda.

Vida longa ao periódico não tão periódico assim!

EXPEDIENTE



O POLITÉCNICO

São Paulo, Outubro de 2015 - Ano LXX - Edição 04

Editor Chefe: Marjorie Samaha e Bruno Pereira

Equipe Editorial: Breno Meirelles, Bruno "Novelo", Bruno Pereira, Bruno Soiti, Larissa Zipoli, Marjorie Samaha, Ruan Rossato

Tiragem: 1.000

Impressão: Volpe Artes Gráficas - 94101.8448

Os textos aqui publicados refletem unicamente a opinião de seus autores e não da equipe editorial ou do grupo responsável pela publicação!

Verso

No verso da folha
De mais um caderno,
Dentro de uma bolha,
Tão simples e terno...
Reside meu verso.

No verso medido,
Na conta comprida,
Calculo o sentido
Do versor da vida.
Repousa meu verso.

Em meio aos problemas
De mais uma lista,
Descubro um poema
De meu eu artista.
Resiste meu verso.

Luís Felipe Gaivão
Engenharia Mecânica - 2ºano

SUDOKU

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 8 | | | | | | | | |
| | | 3 | 6 | | | | | |
| | 7 | | | 9 | | 2 | | |
| | 5 | | | | 7 | | | |
| | | | | 4 | 5 | 7 | | |
| | | | 1 | | | | 3 | |
| | | 1 | | | | | 6 | 8 |
| | | 8 | 5 | | | | 1 | |
| | 9 | | | | | 4 | | |

MAIS SUDOKU

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 8 | | | | | | 7 | | |
| | | 1 | | | 5 | 4 | 6 | |
| | | | 7 | | | | 1 | |
| 5 | | | | 8 | | | | 6 |
| | 9 | | 5 | | 7 | | 8 | |
| 2 | | | | 6 | | | | 3 |
| | 7 | | | | 9 | | | |
| | 5 | 8 | 4 | | | 3 | | |
| | | 4 | | | | | | 9 |

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 9 | | | 8 | | | | | |
| | 3 | | | 5 | | | | |
| | 6 | 5 | | 9 | | 1 | 2 | |
| | | | 5 | | | | | 6 |
| | 8 | 2 | | | | 4 | 5 | |
| 7 | | | | | 6 | | | |
| | 2 | 1 | | 6 | | 5 | 8 | |
| | | | | 3 | | | 6 | |
| | | | | | 9 | | | 3 |



Entrepreneurship level: 4S

Há exatos sete anos atrás tive o enorme prazer de conhecer quatro ilustres figuras que hoje me dou a honra de chamar de amigos e que só possuem este título graças a essa nossa controversa faculdade. E também há exatos 2 anos atrás estávamos nós cinco, como se fosse mais uma jogada do destino ou obra de Deus, numa aula de 0300021 - Empreendedorismo e Criação de Planos de Negócios (Disciplina Eletiva para a Engenharia Civil e optativa para os demais alunos da USP, em 2013).

Essa disciplina, lecionada pelo excêntrico professor José Antonio Lerosa de Siqueira, tinha o propósito (segundo a própria descrição preliminar do curso – aquela folhinha que a gente recebe na primeira aula) de discutir “através de uma abordagem prática, as habilidades e conhecimentos necessários para montar e fazer crescer uma empresa de alto potencial, sempre com um foco muito concentrado no trabalho em equipe. O curso concentra-se em negócios que, espera-se, não permaneçam pequenos durante toda sua existência, mas que se transformem em grandes empresas. O seu conteúdo abrange todo o espectro de atividades e habilidades empreendedoras, necessárias para o desenvolvimento em equipe de um plano de negócio”.

Eu nunca tive uma veia empreendedora, muito menos uma boa memória, mas se tem uma coisa que guardei daquelas não-saudosas-aulas-de-sábado-de-manhã é que: empreender é ser audacioso. Corajoso. É “dar as caras” em algo que você acredita ser rentável e futurístico.

E se tem hoje militantes daquela disciplina e que levaram a fio o que foi lá lecionado, foram esses meus 4 amigos: Gilberto Sanches 27 anos, Marcelo Sarmiento 26 anos, Marcelo Santini 25 anos e William Sorensen 24 anos. Os três primeiros se formaram na Poli em 2013 e fizeram o que eu ainda hoje não tenho coragem de fazer, mesmo tendo eles como exemplo: abriram uma empresa de engenharia civil do zero. Criaram a 4S Engenharia (nome fictício da empresa baseado nos seus sobrenomes) e mergulharam de cabeça num mercado cheio de gigantes ortodoxos e corruptos (Engenix e Concremat, por exemplo, a luz do que vem acontecendo na CPI do Petrolão) com a cara e a coragem. Hoje

no mercado há 2 anos, muitos acontecimentos já ocorreram, como por exemplo a adesão de mais um sócio, Rafael Galdino da Silva (24 anos) cujos anseios e princípios se alinharam sinergicamente com os sócios, como também a turbulenta saída do sócio William Sorensen por divergências inconciliáveis.

Independente do passado, a empresa hoje está a todo vapor, e é com um enorme prazer e satisfação que conduzi uma entrevista com eles, para que a comunidade politécnica pudesse conhecer melhor a jornada desses nossos colegas empreendedores:

Da onde surgiu essa vontade de criar uma empresa, em um mercado tão consolidado e hostil como o mercado brasileiro?

4S: A vontade surgiu de basicamente três fontes, a primeira de sonhos e ambições pessoais de cada um dos sócios, a segunda pela necessidade que o mercado tem de empresas com qualidade técnica e experiência e terceira pela nossa visão de inovação no mercado e em oferecer produtos diferenciados aos nossos clientes.

Quais áreas da engenharia civil vocês atuam e porque escolheram essas áreas?

4S: Atualmente atuamos em duas grandes áreas, o gerenciamento de obra e projetos de engenharia civil e arquitetura. Sendo que no segundo são projetos que englobam desde infraestrutura até residenciais, podemos citar estrutura, fundação, pontes, geotecnia, drenagem, abastecimento de água, esgoto, hidráulica, elétrica, pavimentação, terraplenagem, geometria, arquitetura, dentre outros. Para isso contamos com profissionais com experiência e especializados em cada uma dessas áreas de atuação.

Escolhemos trabalhar com gerenciamento de obra e com um escopo bem amplo de projetos devido às nossas experiências profissionais, nosso planejamento estratégico como empresa e em segundo momento um pouco do destino do mercado que foi abrindo portas para nossa empresa.

Muito se fala que para passar na Poli o aluno precisa ser autodidata, em função da péssima didática das aulas da maioria dos professores. Como esse “autodidatismo” adquirido aprendido pela necessidade na



Foto de uma das aulas da disciplina 0300021 - Empreendedorismo e Criação de Planos de Negócios ministrada em 2013.

faculdade auxiliou na atuação de vocês no mercado de trabalho?

4S: Primeiramente não acredito que a didática da Escola seja péssima, acredito que pode-se melhorar, e muito, a didática das aulas, no entanto vejo alguns professores investindo esforços para melhorar. Acredito que a formação da Poli nos favoreceu em todos os sentidos, somos muito gratos à formação que tivemos e se pudéssemos escolher com certeza faríamos a mesma escolha. Por incrível que pareça o fato da faculdade te tirar completamente pra fora da zona de conforto, às vezes até de uma maneira injusta aos olhos do aluno, trata e muito o seu caráter e o forma como politécnico, e isto no mercado e na sua vida profissional trará grandes benefícios a tal ponto que você se torna o ponto fora da curva. O que vemos é que profissionais com esta vontade de aprender, de ir atrás do conhecimento, ter a capacidade de absorver determinado assunto sozinho, ser empenhado e chegar a uma análise razoável são poucos e há um grande anseio na engenharia por esses profissionais.

Quais foram as principais dificuldades passadas por vocês nos primeiros passos da empresa?

4S: Cada um dos sócios tiveram diversas dificuldades tanto em âmbito pessoal quanto profissional. As principais delas, na minha opinião, são abrir mão de tempo com a família, namoradas e amigos para investir de 18 a 20 horas por dia do seu tempo com sua empresa, pequena abertura do mercado para empresas jovens e sem grandes

experiências, dificuldades financeiras, grandes investimentos pessoais, riscos profissionais, busca por novos clientes, conhecimento pleno dos projetos e relacionamento entre profissionais.

Houve muito receio dos familiares quando vocês decidiram empreender ao invés de procurar uma grande empresa? Como foi a reação dos seus familiares?

4S: Particularmente, minha família sempre me apoiou e acreditou muito na minha capacidade e nos meus sonhos e sem esse apoio seria muito difícil tomar muitas das decisões que tomei e continuo tomando no processo de empreender. É claro que a tendência natural das pessoas é sempre dar conselhos que estejam dentro das uma zona de conforto e serem mais conservadoras. Para sair dessa zona de conforto você precisa ter convicção daquilo que você quer e da sua empresa, mesmo algumas vezes não vendo nada no horizonte. Essa convicção é uma busca pessoal, pessoalmente fui movido por aquilo que Deus me falava, isso inclui minha capacidade pessoal, meus sonhos e onde vou chegar. O apoio das pessoas que são mais importantes pra você lhe dá mais segurança e aumenta sua força de vontade para que tudo dê certo, seus esforços aumentam e tudo parece que começa a convergir. O que aprendi e levo pra minha vida pessoal é sempre buscar a excelência em tudo que fizer e dar sempre o melhor, sempre terá caminhos mais fáceis e maneiras injustas de ter créditos em menor tempo, a questão é pessoal e tomar as decisões lhe couber.



Quantas horas, em média, vocês trabalhavam por dia no início? E agora?

4S: No início todos tinham dois empregos, em média trabalhávamos de 8 a 12 horas em um emprego e na nossa empresa de 6 a 12 horas em dias úteis. Nos finais de semana e feriados trabalhávamos no mínimo 14 horas. Em geral passávamos de sábado até segunda de manhã na garagem de um dos sócios trabalhando, parávamos para comer, tomar banho e dar alguns cochilos. É difícil quantificar a quantidade de horas trabalhadas, mas foram muitas noites sem dormir, ficamos cerca de 10 meses sem final de semana e passávamos em média de 2 a 4 dias da semana sem dormir.

Atualmente com o recebimento de alguns projetos conseguimos pagar uma equipe maior, ter nosso espaço próprio mas trabalhamos em média de 12 a 16 horas por dia e temos conseguimos ter alguns finais de semana livre.

Na opinião de vocês o governo brasileiro dificulta ou facilita o nascimento de microempresas como a de vocês? Por quê?

4S: Sinceramente nunca encontramos nenhum tipo de apoio do governo tanto na parte fiscal, financeira e de contratos. Vemos que é praticamente



Da direita para esquerda: Gilberto Sanches, Marcelo Santini, Marcelo Sarmento e Rafael Silva.

impossível em quanto microempresa ganhar licitação ou ter grandes contratos com o governo sem ter diversos quesitos. O mercado por si só já é difícil e o governo prefere continuar com as mesmas empresas e do jeito que está, pelo menos por enquanto. Em termos de financiamento, chega a ser inescrupuloso o valor de taxas cobradas tanto por bancos públicos quanto com bancos privados para empresas jovens, 6% ao mês para capital de giro é suicídio para qualquer empresa (Chegamos a levantar os valores, felizmente não concretizamos os financiamentos).

Benefícios governamentais são extremamente dificultados para empresas jovens, como Cartão BNDES e outros. É fácil de entender porque alguns países são berços de novas empresas e no Brasil temos esta estagnação.

Quantos integrantes vocês têm hoje na empresa?

4S: Atualmente temos 12 profissionais trabalhando na 4s.

Quais conselhos vocês dariam para pessoas que pensam seguir o exemplo de vocês?

4S: Estudem bastante, sejam ousados e sinceros, busquem profission-



4S Engenharia Ltda.
Escritório: 11 – 3033-2419
www.4sengenharia.com.br
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2608 - CEP: 05001-200

ais que te apoiem, busquem apoio de família, tenham convicção daquilo que vocês querem, tenham ciência daquilo que vocês sabem e o que vocês não sabem, tenham uma excelente equipe, tenha um excelente plano de negócios, planejamento pessoal e empresarial e não desistam.

Alexandre Caldeira Augusti
Engenheiro Civil - Formado em 2013

Straight Lines

Nos últimos dois meses, tenho pensado em como escrever esse texto. Achar a melhor forma de explicar minhas decisões, tudo o que passei e o que aprendi em pouco mais de dois anos. Pensei em metáforas e analogias, talvez uma anedota fosse mais eficiente, ou uma fábula em que a moral condensasse toda a experiência. Não consegui. Talvez porque não seja fácil explicar ou resumir como cheguei até aqui. “Deus escreve certo por linhas tortas”. Costumava acreditar nesse ditado. Afinal, quer dizer que a vida vai dar voltas, tudo pode dar errado, mas, no fim, tudo fica bem. Certo?...Ultimamente, tenho começado a achar que pode não ser bem assim.

Era abril do meu terceiro ano do ensino médio na turma ITA da minha escola, quando tive a oportunidade de tentar realizar um sonho que sempre

me pareceu inalcançável: estudar fora. Havia sido aceita em um programa preparatório para o processo de candidatura para universidades no exterior, a application, e descobri o longo caminho que ia ter pela frente. Lá fora analisam o aluno de forma holística, ou seja, considerando não apenas as notas, e sim avaliando a pessoa como um todo tanto pessoal quanto academicamente.

Assim, naquele ano tentei conciliar o estudo para o vestibular do ITA e as várias etapas da application. Em meio a vestibulares antigos e simulados, fazia pesquisas montando a lista de universidades em que gostaria de estudar, estudava para as provas - o TOEFL, teste de proficiência em inglês, e o SAT, algo como o ENEM -, preenchia formulários com informações pessoais, prêmios, atividades extracurriculares e trabalhava em redações com

temas às vezes bem subjetivos, como ‘o que importa pra você?’, ou bem estranhos como ‘conte-nos sobre sua relação com a mostarda’, e ainda conversava com professores sobre cartas de recomendação e corria atrás do histórico escolar.

Aconteceram alguns problemas fora do meu controle tanto com minhas provas quanto pessoais, e, por mais que me esforçasse, infelizmente, naquele ano acabou não dando certo. No começo do ano passado tive que tomar uma decisão: se meu sonho era realmente estudar fora ou no ITA aqui no Brasil. Quanto mais pensava, percebia que o ITA não era para mim, e que não estava pronta para desistir de estudar fora. Então, passei a me dedicar pela segunda vez à application, passando novamente por todas as etapas - até entrevistas com ex-alunos de algumas universidades - e para o

vestibular da Poli aqui no Brasil. Tive novas experiências com um projeto de pesquisa de um filtro à base de bagaço de cana-de-açúcar, que me ajudou a escolher meu caminho profissional. Voltei a me dedicar à leitura e escrita, conheci novos países e pessoas incríveis, aprendi a cozinhar e a valorizar o tempo com minha família.

E, no início desse ano, fui aprovada na Poli. Depois da euforia inicial, me preparei para um caminho de mudanças. Sai de Fortaleza para São Paulo, morei sozinha e longe da minha família pela primeira vez na vida e tive que aprender a me virar. Na Poli, cursei o primeiro semestre de Engenharia de Materiais, fui membro do “O Politécnico”, fiz grandes amigas e colecionei memórias, fazendo testes de cima do cirquinho, filmando vídeos sobre lentes autolimpantes, e andando pela Liberdade. Em abril, recebi o re-



sultado da application do ano passado, havia sido aceita na Universidade da Pensilvânia.

Em setembro, vou começar meus estudos nos EUA e venho tentando me preparar para mais transformações ainda. Penso no caminho que trilhei,

nos obstáculos, no que aprendi sobre mim mesma, sobre o mundo, em todas as linhas aparentemente tortas e no impacto que tudo isso teve em quem eu sou hoje. 'Ah, mas um monte de coisa mudou! Seu caminho foi todo torto mesmo, o ditado tá certo!'

Não. Embora pareça tortuoso, acredito que o caminho era uma reta, pois cada obstáculo é importante, marcando, mudando e me ensinando de alguma forma, e se tivesse sido diferente provavelmente não estaria aqui. Então proponho um novo ditado: "Deus es-

creve certo por linhas retas".

Narelli de Paiva Narciso
Engenharia de Materiais - 1º ano

O que é feminismo?

Em maio desse ano, O Politécnico lançou um texto de um ex aluno dissertando sobre o que ele acreditava ser machismo e feminismo.

As mulheres do Poligen, Grupo de Estudos de Gênero da Poli, decidiu então conversar com vocês sobre o assunto: o que nós mulheres feministas temos a dizer sobre o tema?

Preparamos um texto-curso-tira dúvidas simples, prático e rápido pra você :)

Mas afinal...O que é feminismo? Feminismo é um conjunto de idéias e práticas que visam a equidade dos gêneros, em oportunidades e direitos. Talvez não pareça à primeira vista, mas tal conceito é extremamente amplo. Diz respeito à nossos direitos políticos¹, reprodutivos e sexuais², de ir e vir³, trabalhar e estudar⁴, entre muitos outros.

¹ Nem sempre as mulheres puderam votar e ser votadas. O voto feminino brasileiro mesmo é extremamente recente - data de 1932. Além disso, apesar de ter esse direito garantido, ainda é muito comum em discussões políticas o desmerecimento de opiniões femininas, e como representantes, também ainda somos poucas. Por exemplo, dos 513 deputados federais, 45 mulheres foram eleitas nas últimas eleições gerais em 2010, o que representa 9% do total, conforme dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Em termos de população, no entanto, eramos por volta de 51% na mesma época, segundo o IBGE. O feminismo busca empoderar as mulheres para que elas se sintam aptas a participar da política, bem como seus interesses sejam estimulados e aflorados.

² Medo do estupro faz parte do cotidiano das mulheres; não andamos desacompanhadas muitas vezes por conta desse receio. O uso de preservativo muitas vezes também é uma dificuldade, muitos homens ainda se recusam a utilizar e com diversas justificativas exigem o uso de anticoncepcional pela parceira. Ainda no tema sexo, uma mulher que se relaciona com diversas pessoas costuma sofrer julgamentos e não raramente até mesmo comentários públicos. Algumas vezes, sequer ela tem de fato tantos

parceiros ou parceiras, e mesmo assim inventa-se que ela tem buscando excluí-la, como se esse fosse um motivo de vergonha para a mulher. O mesmo não se diz do homem; a quantidade de parceiras que este teve é ou indiferente ou uma vantagem no seu status social, mais uma vez mostrando a discrepância entre os gêneros. O feminismo se coloca contra a cultura de estupro e contra o julgamento pela vida sexual ou amorosa da mulher. Assim como o homem, ela tem o direito de se relacionar conforme sua vontade.

³ Pegar ônibus sozinha, usar a roupa que deseja, andar a noite sozinha. Quantas dessas atitudes já deixou de ter com medo de ser violentada ou sofrer retaliações? Muito além de assaltos, nosso medo não é apenas perder patrimônio, mas também controle do nosso corpo. O feminismo é contra a objetificação da mulher e subjugamento da mesma.

⁴ Já ouvimos vários relatos de meninas falando que ouviram que engenharia é profissão "para homem", que professores falaram que grupo exclusivamente de mulher "não ia pra frente", que os próprios pais ou família torceram o nariz para a escolha da carreira. Limitar ou dificultar o acesso de mulheres a determinadas profissões também é machismo, e o feminismo se opõe a essa prática.

Feminismo x Machismo

Feminismo não é um machismo ao contrário. Enquanto o machismo nos diminui, o feminismo busca nos colocar como iguais. O machismo tenta nos impor limites e controlar o que fazemos; já o feminismo é libertador e busca com que as mulheres se empoderem e percebam que tem a capacidade de fazerem o que acharem

melhor. Machismo relaciona-se com discriminação; feminismo, com equidade.*

*Diferença de equidade com igualdade

Equidade significa buscar a igualdade considerando as diferenças. Um exemplo: uma atleta tem mais necessidade de carboidratos que uma mulher sedentária. Para uma alimentação igualmente saudável, seus cardápios devem ser diferentes, portanto. Isso significa que se quiserem se manter saudáveis precisam ter cardápios equivalentes, não iguais.

O mesmo vale para mulheres e homens. Nossas necessidades são diferentes, mas devem ser sanadas de maneira equivalente.

Não sou feminista, sou feminina

Há no ideário popular uma imagem construída das feministas, de que são meninas que fogem totalmente aos padrões estéticos de beleza, chegando à ser masculinizadas. O feminismo coloca que o corpo das meninas lhe pertencem e portanto elas devem cuidar dele como bem entenderem. Se se sentirem bem e bonitas sem depilação ou sem serem magérrimas, onde o padrão estético da mídia impõe que não deveriam estar, ninguém deve querer impor o contrário. Se sentirem bem e bonitas com maquiagem, salto alto e baita produção, idem. Há que valorizar a diversidade de corpos e de belezas.

Sendo assim tem que cair por terra a idéia de que feminista não é feminina. Feminista é o que ela quiser, e dentro do feminismo há espaço para todas.

Alem disso, ser feminina também é muito relativo. Não estar no padrão estético não te faz menos feminina, te

faz fora do padrão estético imposto de feminilidade. Mesmo assim, você pode ser feminina de um jeito único, seu jeito.

Dado esse levantamento que achamos ser os temas e discussões mais recorrentes, ainda queremos pontuar: não é difícil perceber a diferença abissal entre o número de mulheres e homens na Poli (somos apenas 20%), e você, menina, provavelmente já sentiu o peso dessa diferença alguma hora. Seja ouvindo alguma "piadinha", percebendo olhares, comentários. Talvez tenha feito algo ou deixado de fazer contra a sua vontade. Por isso, saiba: estamos do seu lado. Em caso de quaisquer problemas dessa linha, procure a gente. Reprendemos e lutamos contra todas as atitudes que ferem nossa saúde mental e física, e nos apoiamos mutuamente.

O feminismo vem para questionar e derrubar a diferença entre gêneros. Vem para que possamos fazer o que quisermos, e quando quisermos. Vem para nos unirmos e darmos forças.

Se tiver dúvidas ou interesse, lembre-se: as reuniões da PoliGen são de terça feira, 17h na sala S33 do prédio da Engenharia Civil. Esperamos todas! Meninos interessados também são convidados.

Grupo Poligen



Primeira Semana de Diversidade da Escola Politécnica

Entre os dias 05 e 09 de outubro aconteceu a primeira edição da SEDEP, a Semana da Diversidade da Escola Politécnica. Organizada pelo PoliPride, o Coletivo de Diversidade Sexual e de Gênero da Escola Politécnica da USP, o evento nasceu do esforço deste grupo em promover o debate na faculdade, e foi realizado com o apoio da Diretoria da Escola e da Secretaria Municipal de Direitos Humanos.

Na abertura do evento estavam à mesa o diretor da Poli, Prof. Dr. José Piqueira, a assistente acadêmica Ângela Buscema, um funcionário do Google, representante do grupo LGBT da empresa em que trabalha e de todas as outras empresas que patrocinaram o evento, Zen Junior, e os alunos Ivan de Palma e Beatriz Peano, membros do PoliPride.

A presença do diretor marcou, diante das 150 pessoas que enchem o anfiteatro, a legitimação e o reconhecimento do grupo responsável pela organização da atividade como sendo de extrema importância para a melhoria do ambiente politécnico, num sinal de apoio à toda iniciativa que vise promover a diversidade dentro da Escola.

“Nossos ideais têm que ser inclusivos e todos são bem-vindos à Poli, porque a faculdade pública é sustentada por toda a sociedade. Vou defender até o último momento a igualdade, a equidade e a ideia para os alunos de que a sociedade tem confiança neles, porque eles serão capazes de melhorar a qualidade de vida da população”, disse o diretor lembrando da origem da Poli, fundada no fim do século XIX por republicanos e abolicionistas.

Nos dias que se seguiram a SEDEP promoveu discussões que foram desde o que significa ser lésbica, gay, bissexual e transgênero ou travesti (LGBT) em uma sociedade acostumada com a norma heterossexual e cisgênera, até uma conversa com empresas como Google, Facebook, Down, Basf e Goldman Sachs, que contam com políticas de inclusão para essa comunidade, na tentativa de indicar como o mercado de trabalho pode melhor recebê-la.

Com uma média de público de 85 pessoas por atividade - superior as principais semanas temáticas que há anos acontecem na Poli - por diversas vezes a SEDEP encheu o anfiteatro de gente interessada em dialogar com a diversidade. Da abertura ao encer-

ramento a presença de politécnicos e politécnicas era o que o evento precisava para dar seus passos na missão de tornar a Poli mais receptiva às diferentes sexualidades e expressões de gênero, e a grande quantidade de pessoas de fora da Poli e até mesmo de fora da USP um indicativo de que a Escola não precisa e nem deve estar fechada em si mesma, alheia às discussões que não sejam puramente acadêmicas e internas.

O portal Claro e Criativo esteve presente na Semana e ao escrever sobre o evento, afirmou: “Muitos podem ter se surpreendido assim que pegaram o folheto de divulgação do evento, mas é preciso lembrar que mais do que um motivo de surpresa, a SEDEP deve ser fonte de orgulho e inspiração para quem está dentro e fora do movimento LGBT e apoia essa causa, pois quando uma faculdade com um peso enorme no mercado de trabalho cria uma semana inteira dedicada às discussões de diversidade, ela está fazendo uma revolução implícita do seio da sociedade. E essa revolução é um vetor de apoio aos direitos humanos, à cidadania e a uma maior igualdade.”

Com isso, queremos, enquanto

SEDEP, agradecer a todos que compareceram e suscitaram o debate que nos propusemos a levantar. E enquanto Frente PoliPride, o coletivo por trás de tudo isso, reafirmar aquilo que sempre foi a motivação da construção desse evento: nós, LGBTs, estamos aqui. Na Poli, na USP, em todos os lugares. Por mais que os estereótipos do que é ser engenheiro (ou qualquer outra coisa) possam indicar o contrário, nós estamos aqui. E não há espaço que não possamos ocupar.

Eduardo Laurentino

2º ano - Engenharia de Computação

Pedro Henrique Fernandes

1º ano - Engenharia Civil

Rafael Risnik

Pós-graduação - Engenharia Química

SEDEP
1ª Semana da Diversidade da Escola Politécnica

Organização
PoliPride

Bruna Nascimento
Ontem às 17:00
Vcs fizeram minha semana ser a melhor de tds

Alessandro Melchior
9 de outubro às 01:25 - São Paulo
Gentes, adorei o papo hoje. Super à disposição para pensarmos ações em conjunto. Parabéns pela organização e pela programação, vocês arrasaram! =]

Transviado
8 de outubro às 15:13
Eu fico extremamente feliz em ver tanta gente fenomenal batalhando, criando espaços de acolhimento e diálogo, botando a cara no sol mesmo!! Espero que possamos nos cruzar mais vezes para continuarmos a construir um mundo melhor, todo mundo junto!
Um beijão d'O Transviado!

Ana Azevedo
7 de outubro às 23:52
gente adorei o vídeo hahah vcs são demais adorei visitar a poli hahah

Adriana De Simone
7 de outubro às 10:35 - São Paulo
Às 17h estarei aí! Parabéns pelo trabalho!

Rubens Lima
7 de outubro às 20:37
Melhor evento!

Carol Nascimento
7 de outubro às 13:37
Parabéns ao organizadores mais lindos da Poli

Julia Paiva
7 de outubro às 23:06
sedep maravilhosa interseccionando as lutas!

Thafiane Lima Gomes
10 de outubro às 09:20
lá muito boa a sedep parabéns pra vcs

Bianca Urbano
8 de outubro às 09:55
Fu também não conhecia a poli, na verdade, nem na USP estudo kkkkk Mas eu gostei da palestra, acharia ótimo se tivesse mais edições. Além de ter sido desmitificador para mim sobre as pessoas que estudam lá.

Augusto Malaman
6 de outubro às 14:56 - Editado
Gente, foi um prazer dividir a mesa de ontem a noite com o Ramón Soares! Obrigado à organização e a quem compareceu!

Sabrina Nabuco
6 de outubro às 14:40
Foi incrível! Jéssica Ipóito arrasou no recorde racial e de classe! Muito amor

Maria Borges
7 de outubro às 20:32
Muito bom!! Lillian Lima!! Ai que vontade de participar todos os dias!!!

Sálua Guimarães
5 de outubro às 10:44
Que iniciativa bacana!!

O maior impacto dessa Semana é que ela está sendo realizada pela primeira vez num conjunto de faculdades que é considerada conservadora e de direita, a Escola Politécnica da USP. Em poucos anos, isso poderá representar uma revolução invisível nos costumes.
Por Andrei Teixeira



SPEED POLI

Motivados em encontrar soluções para problemas comuns aos grupos de extensão da mecânica e mecatrônica, os capitães das equipes Keep Flying, Poli Racing, PoliMilhagem, Poli Baja e ThundeRatz começaram a reunir-se semanalmente para transformar essa união em algo concreto.

E assim surgiu a SpeedPoli, a Semana de palestras das equipes de extensão da Poli, com o foco de trazer o politécnico para mais perto do mercado de trabalho e dos grupos de extensão. Tendo durado de 14 a 18 de setembro, a semana contou com 4 dias de apresentações, com a presença de palestrantes atuantes no mercado de trabalho da engenharia:

Os temas das palestras e seus palestrantes foram:

Segunda-feira:

- Painel de abertura sobre com-

petições em engenharia

- Convidados: Manoel Belém, representante da F1 in Schools no Brasil, e Gustavo Lehto, coordenador de engenharia na JL Racing.

Terça-feira:

- Painel Poli nas equipes
- Convidados: Ivan Provase, um dos fundadores da Equipe Poli Racing e engenheiro na Continental.

Quarta-feira:

- Palestra Sistemas de Propulsão de Alto Desempenho
- Convidados: engenheiros da área de sensoriamento e calibração de motores da ETAS, do Grupo Bosch.

Quinta-feira:

- Palestra sobre Simulações em Elementos Finitos
- Convidados: Eduardo F. R. de Araujo, da ESSS

A sexta-feira foi um dia mais voltado para as atividades práticas. Foi

organizado um campeonato de hockey de robôs, exposição dos projetos das equipes, além do torneio de baja solidário, onde em troca de 1kg de alimento não perecível os alunos da Poli tiveram a oportunidade de pilotar um verdadeiro carro de competição. Houve também a presença da empresa “Crie aqui” de impressões 3D e cortes a laser e fechando o dia com a inauguração do novo carro da Equipe Poli Racing, o FP07.

Logo no primeiro dia a sala ET3, onde ocorreu o evento, já estava lotada e permaneceu assim durante os 4 dias, mostrando o interesse dos alunos da Poli pela engenharia exercida pelas equipes de extensão e por conhecer como é o mercado de trabalho fora da faculdade.

As 5 equipes juntas almejam, para o ano de 2016, organizar a segunda edição da SpeedPoli e tornar o evento

cada vez maior e com mais atrações, principalmente atividades práticas que permitam aos alunos da Poli uma maior integração a engenharia na prática.

Para finalizar, as equipes gostariam de agradecer a presença de todos que compareceram às palestras, aos professores orientadores de cada grupo, aos palestrantes e aos patrocinadores que tornaram possível a realização da semana. E que venha a próxima!

Para mais informações, visitem o site de cada equipe:

<https://www.facebook.com/speedpoli>
www.thunderatz.org
<https://www.facebook.com/PoliMilhagem>
<http://polikf.com.br/>
<http://www.equipepoli.com.br/>
<http://www.poliracing.com.br/>

Equipe Speed Poli

E a redução de velocidade nas marginais?

No dia 5 de outubro houve mais um evento do Civilizados, uma palestra, ou por assim dizer, uma conversa sobre a redução da velocidade nas marginais, com a presença do professor Cláudio Barbieri (PTR). A localização do evento até teve que ser remanejada de uma sala de aula para o auditório do prédio da Civil, sala S28, devido ao grande interesse que o tema despertou, e de fato o auditório estava parcialmente cheio, comprovando que os alunos estão sim dispostos a ouvir e debater os assuntos que envolvem engenharia e estão no nosso cotidiano.

Antes de escrever aqui a maior parte dos tópicos discutidos ao longo da 1 hora e meia de conversa entre professor e alunos, é importante destacar alguns pontos. A iniciativa de realizar um evento nesse modelo partiu do próprio professor Cláudio após a Se-TEC, abordando o assunto de maneira mais informal, sem aula e sem slides. Entretanto, o apresentado no tempo de palestras não foi o veredito do professor, como ele mesmo afirmou no início. Tratou-se de um debate de ideias, uma tentativa de trazer dados concretos a um debate que tem sido mais levado no calor das posições ideológicas do que pelo tratamento técnico e de resultados, que é o mínimo que se

espera de um engenheiro. Outro ponto é que, apesar de o nome do evento ter dado foco à redução nas marginais, foram discutidas também as outras vias na cidade que alteraram seus limites de velocidade.

Inicialmente abordou-se o principal aspecto positivo que tem sido propagandeado para subsistência aos novos limites: a redução no número de acidentes. De fato, os veículos em velocidades reduzidas tendem na maior parte dos casos a sofrer ou causar menos acidentes, mas a pergunta que fica é: será que essa redução é eficiente e igualmente em todas as vias? Nas vias há a presença de pedestre, ciclistas, motociclistas, carros, ônibus, caminhões, etc. Acidentes envolvem um ou mais desses componentes presentes nas vias, podendo ser carro e pedestre, carro e moto, moto e ônibus, diferentes possibilidades e condições. Existe algum estudo estatístico que analisa as causas de um acidente e quais componentes estão envolvidos? Além disso, os acidentes estão sujeitos sempre a uma certa aleatoriedade, podendo envolver o tempo, como dias mais chuvosos e de neblina são mais perigosos para a distração, ou mesmo a distração de um motorista em um certo dia. As causas dos acidentes não são analisadas nas estatísticas, e ainda

assim, a análise dos valores estatísticos existentes podem ser escolhidos de acordo com o período mais conveniente. O ponto central é que falta solidez nos estudos que envolvem acidentes de trânsito para confirmar ou desmentir até onde a redução da velocidade é eficiente em reduzir os acidentes, visto que nem todos os acidentes são causados por excesso de velocidade. As estatísticas são ruins e pouco detalhadas. Dos números, consta ainda que uma grande parcela desses acidentes (na faixa de 40%) ocorreram pela madrugada, onde nem os limites anteriores de velocidade eram respeitados na via, tratando-se de uma questão de educação e consciência dos condutores.

Com todos os problemas já citados acima, há um erro ainda mais comum que é análise do número absoluto de acidentes e vítimas, sem considerar as diferenças entre os volumes de tráfego nas épocas estudadas. A análise apenas do número absoluto pode induzir ao erro, pois ele tende a ser cada vez maior com o aumento do fluxo de veículos. Portanto, para ser preciso e fazer uma comparação justa, o ideal é a utilização do valor relativo.

Imaginando-se que o fluxo de tráfego (em veículos/h) se mantenha igual nos dois períodos estudados, sen-

do o fluxo o produto entre a densidade de automóveis na via (em veículos/km) e a velocidade média (km/h), tem-se que a redução da velocidade média implica no aumento da densidade. O aumento da densidade de veículos na via está ligado diretamente a sensação de conforto na condução do veículo, ocorrendo uma diminuição do espaçamento geral. Com os carros em menores velocidades e mais próximos, as trocas de faixas também se tornam mais perigosas, por vezes com um motorista tendo que forçá-la. Em relação a velocidade média dos veículos, sabe-se que ela é dramaticamente influenciada pelo número de acidentes, que são os grandes causadores de engarrafamentos que, diminuindo drasticamente a velocidade média final do dia, consequentemente alterando bastante o resultado final.

Com a menor velocidade dos automóveis, levantou-se o ponto de que ocorre o aumento da velocidade relativa entre carros e motos, já que as motos não são pegadas pelos radares, portanto permaneceriam em altas velocidades nos seus corredores. Essa maior velocidade relativa torna até mais propensa a elevação do número de acidentes envolvendo ambos, principalmente em mudanças de faixas. Tal fator não pode ser ignorado.



Focando-se nas marginais, ponto de maior polêmica, temos a sua via expressa, caracterizada pela ausência de calçadas e acesso controlado, e a pista local, onde é nula a presença de pedestres que a atravessam. Sendo pistas específicas e concebidas para tráfego de alta velocidade reservada para os automóveis é possível assegurar comprovadamente que a redução da velocidade é uma medida eficiente? Muito se compara com as vias dos principais países europeus, simbolizando a modernidade da medida. Entretanto, deve-se tomar os devidos cuidados com as comparações, cada local possui a sua especificidade a ser comparada. Algumas vias possuem limites de velocidades que são praticamente impossíveis de serem ultrapassadas devido ao seu alto grau de congestionamento e fluxo de pedestres, há também certas variações nos limites que vão de via para via e de país para país. Além disso, a geografia do local faz toda diferença, o tamanho da população, a caráter pendular da sua população (morar nas periferias e trabalhar no

centro). É louvável buscar as melhores soluções em outros países, porém todos os projetos devem ser realizados visando à especificidade do local a ser implantado, não somente uma cópia simplificada.

Poderia ser pensada uma solução simples para contorno dos eventuais problemas: limites variáveis de velocidade ao longo do dia ou em condições climáticas desfavoráveis. A grande dificuldade de uma hipotética implementação dessa medida são todos os custos envolvidos. Seria necessário todo um novo sistema de sinalização eletrônico, contando com a devida manutenção. Os radares também teriam que ser adequados a esse sistema e reprogramados aos limites de velocidade do momento, não mais com um valor fixo. Como a questão financeira sempre pesa na adoção de certas medidas, fica muito difícil acreditar que algo dessa natureza vá se concretizar num futuro próximo.

Olhando para o resto da cidade de São Paulo, pode-se constatar empiricamente que ela é pouco amigável para

os pedestres. Pensando nisso foi citado pelo professor o conceito de walkability, estudado no MIT. Trata-se da adotar um valor para determinar como um área, uma vizinhança, ou até uma cidade, é amigável para os pedestres. É uma área de estudo que necessita de desenvolvimento aqui no Brasil, para também poder auxiliar a tomada de decisões de políticas públicas que valorizem o pedestre. Em locais próximos de áreas residenciais ou de pequenos comércios, a redução da velocidade das vias é um fator que pode contribuir com maior segurança da circulação de pedestres. Obviamente não é o único fator. Boas condições de calçadas e sinalização clara e em bom funcionamento, além do respeito as normas de trânsito e educação tanto de motoristas, ciclistas e pedestres. A soma de todos esses fatores é o que torna a cidade mais humana.

Percebe-se que esse é um assunto que tem muito a se desenvolver ainda. Muitas dúvidas ficam no ar. Nosso papel como engenheiros é analisar dados e todas as características técni-

cas que envolvem o assunto, de modo a chegar ao melhor resultado possível para a melhora da qualidade de vida da população. Considero que o professor Cláudio fez uma ótima palestra colocando dúvidas nas nossas cabeças durante essa palestra. Com toda a capacidade dos professores presentes na Poli, especialistas em suas áreas de assunto, fica a expectativa para que mais encontros como esses sejam realizados para debate de temas da engenharia do cotidiano, pois o interesse realmente existe. Fica os parabéns também para a organização do Civilizados pela realização do evento. Suas reuniões ocorrem quinzenalmente no CEC as quartas no horário do almoço, portanto aqueles que se interessarem em contribuir com mais temas e organizações dos próximos eventos estão sempre convidados a participar.

Bruno Pereira

5º ano - Engenharia Ambiental

XXVI SAPO

O homem cria a Arte, enquanto a Arte recria o homem. Afinal, alimentada com palavras, cores, sons e ideias, nossa mente reinventa-se a cada sinapse artística a qual, de maneira direta, trivial e em quantidade desprezível, nos revela o ~~F-14-10k4~~ um significado para nossa existência. Se vocês, politécnicos e politécnicas, encontravam-se perdidos de si mesmos, chegara o momento de metamorfosear essa sua vida de nabos e encontrar um sentido para sua inutilidade além do R4: a XXVI SAPO – Semana de Arte da Poli.

Nesse ano, a SAPO, que ocorreu na semana de 19 a 23 de outubro, propôs que nós nos despíssemos dos nossos conceitos e transformássemos essa Escola e nós mesmos, na qual somos destinados a viver uma rotina programada. Aqui, nossa alma ativa e obcecada enrola-se infinitamente numa espiral de desejo e melancolia pelo cinco bola, jamais alcançando tal aéreo objeto, enquanto, no círculo ardente de cada semana de provas, nossos olhos ficam magnetizados e nossa vida presa, presa e presa. Se pudéssemos ver além dos campos vetoriais, você perceberia que Drummond acabou de visitar sua faculdade e escreveu seu poema chamado

Bolero de Ravel.

Podemos não o ter visto por aqui, mas saiba que existem outros artistas ao seu redor nesse momento. Você e aquele seu amigo tímido ao lado. Afinal, a Escola Politécnica está cheia de almas ativas para desenhar, cantar, dançar, interpretar e se transformar. Logo, para não as perder de vista, você assistiu às apresentações das bandas, ao Accapoli, ao Grupo de Teatro da Poli (GTP) e ao PoliDance durante a SAPO, às 11 horas ou após as aulas.

Além disso, a proposta da chamada “transforme-se” é poder possibilitar que o politécnico e a politécnica pudessem se reinventar nas oficinas que aconteceram: a Oficina Vegana, a de Fotografia, a da técnica Tie Dye e a de elaboração de sushi. Além disso, as sessões do Cineshare alimentaram os olhos magnetizados pela Hora da Aventura e pela 7ª Arte, com sessões de filmes marcantes, como De Volta para o Futuro (Ou você achou que esqueceram do retorno de Matt McFly na quarta-feira, 21 de outubro de 2015, às 16h29min;)

Durante a semana, a Escola contou com a palestra sobre a engenharia no mundo dos jogos, com a Galápagos. Os jogos dessa última

estiveram presentes na famosa Game Night da Vivência, na quarta-feira, a qual garantiu suados campeonatos e open comida para os interessados. A Vivência também foi palco de eventos conhecidos como o PoliAcústico, na terça-feira, e a Feijoada, na quarta-feira, enquanto, na sexta-feira, a Sharewood foi recheada com delícias estrangeiras, preparadas por intercambistas em uma Feira Gastronômica.

Alice, se estivesse nessa semana das maravilhas, falaria de novo: “Eu... eu... nem eu mesmo sei, nesse momento... eu... enfim, sei quem eu era, quando me levantei hoje de man-

hã, mas acho que já me transformei várias vezes desde então”. Se você quis se metamorfosear várias vezes em uma única semana e encontrar um sentido para sua vida politécnica, você saiu dessa espiral de desejos e foi à SAPO. Espero que tenha se transformado!

Larissa Zipoli

1º ano - Engenharia Civil

Coisas legais que acontecem na USP e você não sabe, nesta edição: CinIME

Uma das coisas legais que acontecem na USP e de que talvez você não saiba é o CinIME. Trata-se de uma sessão de filmes exibida no IME, com pipoca e refri grátis, organizada por voluntários, que são alunos geralmente, e com suporte do IME, que fornece a infraestrutura, e do CaMat, que fornece a pipoca e o refri. A escolha dos filmes que serão exibidos é feita através de votação no grupo do CinIME no Facebook; os filmes escolhidos são bem variados em gênero, indo desde a comédia dramática sobre strippers masculinos *Magic*

Mike até o clássico space opera *Star Wars*.

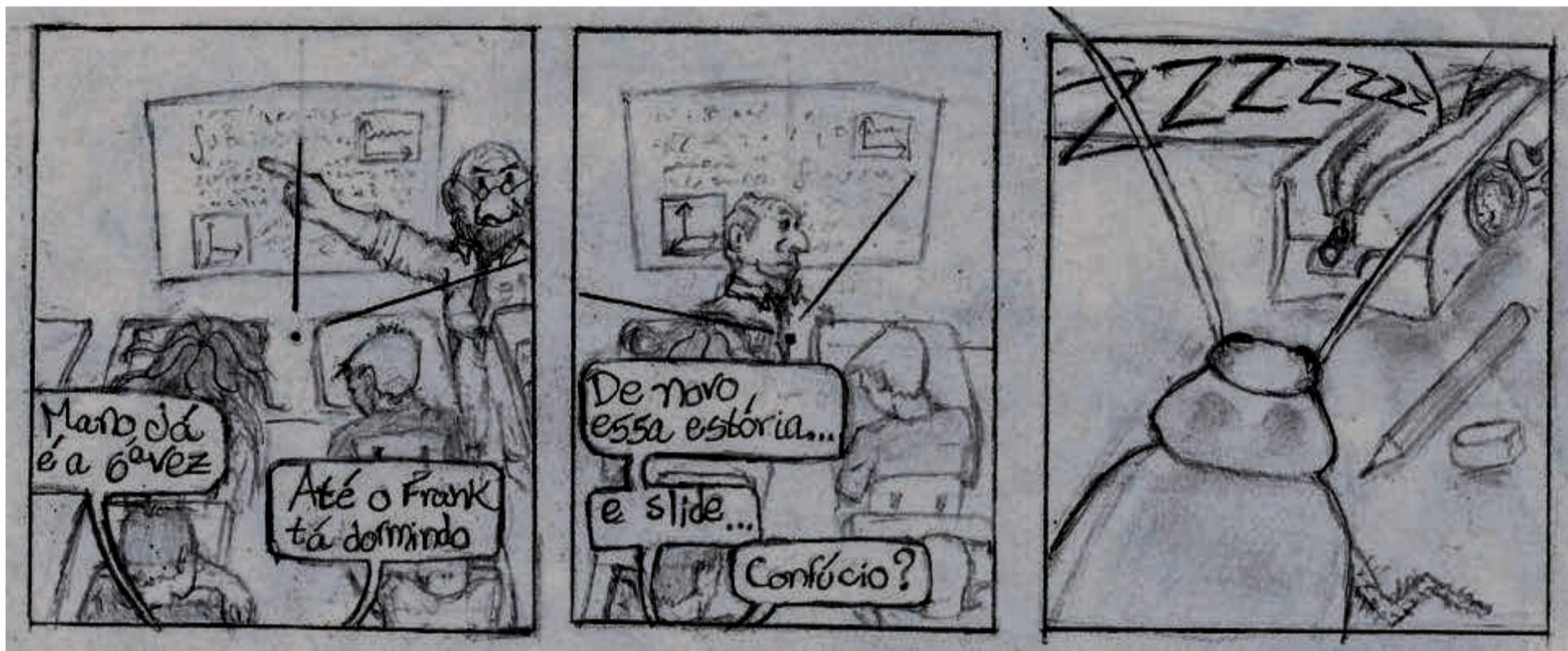
As sessões acontecem às sextas às 16:00 na sala B5 do IME. É só chegar lá, pegar sua pipoca e seu refri, sentar e assistir o filme. É tudo bem organizado, uma coisa bem legal que acontece na USP e de que agora você sabe, além de ser um bom exemplo de sinergia entre os alunos, o centro acadêmico e o Instituto.

Breno Meirelles

3º ano - Engenharia Naval

Aulas na Poli...

Gabriel Henrique Riqueti
1º ano - Engenharia Mecatrônica



Foodtruck da PM

Os *food trucks*, tendência em venda de lanches popularizada em 2014, mostram-se como uma sólida e profícua alternativa de negócio. Este modelo consolidou-se rapidamente em São Paulo, bem como em todo Brasil, pois, como mostram os estudos estatísticos feitos pela Produção-Poli, 20% da população já trabalha em *food trucks*. E agora, este modelo inovador que já existia desde sempre no interior está chegando também na USP.

A idéia da implementação de *food trucks* na USP partiu do serviço de inteligência do governo Alckmin; A idéia uniu a lucratividade advinda deste modelo de negócio, a presença de um público-alvo sempre com fome (estudantes universitários) e a limitação nas verbas dos concorrentes (bandejões) como fatores que contribuiriam para o sucesso desse projeto. Além disso, desejava-se uma melhor relação estudante-polícia, por isso, ficou decidido que a PM tocara o novo programa de *food truck* estatal.

O resultado disso mostra-se positivo já nas primeiras semanas, o que era esperado, pois qual a melhor combinação que estudante e PM senão estudante na lancha com fome e PM vendendo lanche.

A equipe do *food truck* da PM investe pesado em novos produtos, como o molho de gás de pimenta, e em promoções inovadoras, como o vale-mas-

sagem: Se o cliente apresentar um flagrante, este ganha uma massagem na cara com a palma da mão. A PM, inclusive, incentiva a participação dos estudantes na promoção, enfatizando: "Se eu achar vai ser pior hein"

| Cardápio do food truck da PM | Preços |
|---|----------|
| 157 Pão, bacon, ovo, maionese | R\$ 1,90 |
| 171 Pão, maionese, bacon, ovo | R\$ 1,90 |
| 121 Pão, maionese, ovo, gato | R\$ 1,90 |
| 128 Pão, ovo, cachorro, presunto | R\$ 1,90 |
| 155 Pão, ovo | R\$ 1,90 |
| X-Bacon X, Bacon | R\$ 1,90 |
| X-9 Pão, cachorro, gato, presunto, gato | R\$ 1,90 |
| Molho de gás de pimenta Gás, pimenta | R\$ 1,90 |

OBS: Esse texto é uma sátira e não corresponde à realidade.



TODA REUNIÃO DE FAMÍLIA, O MESMO 7 A 1

E A FACULDADE?

—Lá vem cruzamento!!!! É o goooooool da Alemanha!!

E AÍ, ESSE ANO VOCÊ SE FORMA, NÃO É? FAZENDO MINHAS CONTAS JÁ É SEU 5º ANO LÁ, CERTO?

—Klose, Julio Cesar, Klose... Olha o goooooool da Alemanha!!

QUANDO É QUE VOCÊ JÁ VAI PODER ESTAGIAR?

—Chegaram de novo, chegaram de noooovo... Gooooool da Alemanha!!

OLHA, SAIU A NOTA DAS 7 RECS DE QUE EU FIZ!!

—Lá vem mais!!! Lá vem mais!!!

—Olha a bola tocada, virou passeio!!! Gooooool da Alemanha... As lágrimas do menino, que ainda não entende direito exatamente o que seja...

RECEBI A RESPOSTA DA EMPRESA QUE TO TENTANDO ESTÁGIO!!

—E lá vem eles de novo, olha só que absurdo, a chance de mais um goool... Gooooool da Alemanha!! Toma-se o caminho do maior vexame...

E AS NAMORADINHAS?

—Tocou pro Lahm, bateu pro meio... Gooooool da Alemanha!!

‘SILÊNCIO CONSTANGEDOR’

—Olha a bola chegaaando e é gol... Gooooool da Alemanha!!

MAS E AÍ, QUAIS SÉRIES BOAS VOCÊ TEM ASSISTIDO? RECOMENDA ALGUMA?

Agora Oscar, no finalzinho, bateu! O Gol do Brasil! O chamado gol de honra... e é até bom que seja assim, fazendo um gol no final!

Bruno Pereira

5º ano - Engenharia Ambiental

POLITRECO

Pratos exóticos do bandeirão

Os restaurantes universitários da USP, carinhosamente chamados “bandeirões”, procuram sempre inovar quando o quesito é inovação. A última dessas inovações é a adesão aos cardápios bandeirianos da última tendência em gastronomia, recomendada pelos mais renomados chefs, servida em todos os cantos do mundo: Não estamos falando de carne crua! pois isso é para selvagens, estamos falando de carne viva! Isso mesmo, de agora em diante o bandeirão incluirá pombos vivos em seu cardápio.

A iguaria teve seu valor nutricional testado por pesquisadores da Nutrição-USP, que garantem: “É uma joia nutricional, é o elixir da longevidade”. O prato apresenta altas concentrações de vitaminas A, B, C, D e F, ferro, zinco, látex, ômega 666, niacina e bosticina. Esta última muito importante segun-

do o professor Antonio Piaba, da Nutrição-USP: “Lubrifica o rins, ativando os radiais livres que circulam aliviando a pressão no estromo e no figo”.

Apesar de toda a sofisticação e benefícios do prato, ainda há oposição por parte dos vegetarianos e ativistas de direitos dos pombos à sua adesão no cardápio do bandeirão. Uma passeata pacífica está sendo organizada e mobilizações nas redes sociais estão sendo feitas contra a adesão: #SomosTodosPombos.

Os simpatizantes da adesão do prato retaliam argumentando: “Minha comida não só caga na sua, como também caga em você, caga em mim, caga em todo mundo!”. Um outro aspecto favorável da pombofagia é o reaquecimento do mercado de caça aos pombos, muito debilitado de uns anos para cá: “Desde que inventaram os drones

ninguém mais me manda pegar pombos, tive que demitir dois funcionários e um cachorro ano passado” Vigarista, Dick (empresário do ramo de caça aos pombos).

Diante da difícil decisão de autorizar ou não a pombofagia na universidade, o CU¹ trabalha incessantemente à portas fechadas para deliberar a escolha que afetará a Universidade de forma mais positiva possível, sem ceder à pressão de nenhum dos dois lados. Uma nota oficial deve sair até segunda-feira que vem.

Notas:

¹CU=Conselho Universitário

Aluno Zuero
Engenharia de pombos (ênfase em pombos) - Pombo ano

OBS: Este texto é uma sátira e não corresponde à realidade.



As Crônicas do Politécnico que era Politécnico Demais

Universidade é isso aí, esse ambiente único presente na melhor fase da nossa vida. Logo na minha primeira impressão, no trote mesmo, vi o Grêmio Politécnico. De cara já pensei: “Nossa, acabei de passar na melhor faculdade de engenharia do Brasil, estou aqui me divertindo pra caramba, sendo muito bem recebido. Quero fazer parte disso!”. Esse negócio de representação estudantil é interessante. Aqui faço coisas que não faria em nenhuma outra época da minha vida. Depois de um tempo lá dentro já aprendi muito, conheci pessoas incríveis, já planejamos vários projetos, eventos, festas. Já tretamos e já nos resolvemos. É uma experiência única na vida, confie em mim.

Quase na mesma época conheci também o meu centrinho. Caraca, que loucura! Mais uma oportunidade de representação estudantil, e dessa vez mais focados nos interesses da minha engenharia. Ainda corro o Integra, fazendo coisas que eu nunca teria coragem de fazer (sobriamente falando) e quase ganho num ano, venço no seguinte, quase ficamos em último no posterior (quem liga? a diversão é o que vale). Isso é bom demais! Por que é que não tem dois integras por ano? Tão vacilando! Esse lance de representação estudantil, participações nas entidades é valorizado lá fora pelo mercado de trabalho, segundo que me falaram. Claro que não estou fazendo só por isso, não sou interesseiro. Mas

já que une o útil ao agradável, só tenho algo a dizer - Excelente! Manda mais coisas pra fazer aí que está pouco.

Sempre fui apaixonado por esportes, praticava quase todos os dias na escola e não vai ser agora que eu vou parar, concorda? Atlético, to colando aí! Vamos ver a lista: natação... caramba, Rugby!! Finalmente vou ter onde jogar... caramba duplo, Futebol Americano!! Tô nessa... manjo de tênis de mesa também, xadrez sou bom também... futsal, clássico! Vou fazer o teste pro time, mas vou passar, logicamente!! Acho que só. Por enquanto é o suficiente. Depois eu vejo os outros treinos... Ahh, esqueci do basquete! Fica para o próximo semestre. De InterUSP a Sampira, não perco uma viagem. Ahh, quantos momentos!

Já garanti a representação estudantil e os esportes... Espera aí, olha essa torcida, bateria tocando... não, Bateria! Fechou, já não estou fazendo tantos esportes, nas outras modalidades contem comigo para a torcida! O que mais que eu preciso? Desenvolver experiências além da sala de aula, é claro. Tô aqui quase sendo aceito na Poli Junior. Quem melhor pode me preparar para o mercado do que uma empresa de verdade, não é mesmo? Sei que são desenvolvidos projetos de engenharia na PJ também, só que eu quero algo ainda mais mão na massa, engenharia pura! Olha quantos grupos de extensão: Keep Flying; Baja; Poli Racing; Poli Milhagem; Poli Náutico... Vou fi-

car só no Baja e no Keep Flying mesmo, os outros já estão batendo com os horários dos treinos, mas não pensem que eu os esqueci! Vamos ganhar essas competições internacionais, fazer bonito! Mas, mas... E se engenharia não for a minha área? O que é que eu vou fazer? Melhor conhecer um pouco mais do mercado financeiro aqui com a galera do Poli Finance. Sempre me interessei por mercado de ações! Tem também o Poli Consulting pra eu conhecer esse mundo de consultorias que meus veteranos têm ido trabalhar. É bom estar preparado pra tudo! Não tinha certeza do que ia fazer até o dia anterior ao encerramento das inscrições da Fuvest.

Acredito que já peguei tudo que vale para o meu desenvolvimento pes-

soal e profissional. Hora de pensar no próximo, ajudar a comunidade. Esse Poli Social é incrível, com certeza vou participar e abraçar essa ideia. Acredito também ser bastante importante as discussões de gêneros e da comunidade LGBTT promovidas pelo Poli-GEN e PoliPride, vou aparecer nas reuniões...

Agora sim, estou completo. Mas pera, um problema! Como é que eu vou fazer esses 39 créditos que peguei nesse semestre? Só sei de uma coisa: no jornal eu continuo!

Bruno Pereira
5ºano - Engenharia Ambiental





Kitnets da solitude – a difícil tarefa de morar sozinho

“Estar só” significa desnudar a realidade interior e lidar com a insignificância congênita. Afinal, aqueles decididos a morarem sozinhos não enfrentam apenas a cozinha inexperiente, a bagunça inerte, as companhias invisíveis e o medo da queda de energia. Na verdade, tais inquilinos desafiam o silêncio irresoluto de suas almas perdidas a procura de autonomia e de identidade, enquanto essas dilaceram todas as suas certezas e condensam-se, aos poucos, em solitude tardia. Você, politécnica ou politécnico, sob o teto pessoal, aprendeu a metamorfosear a própria solidão em solitude ou continua a afirmar-se como Narciso da própria existência?

A priori, sabe-se que o “homo sapiens” é um indivíduo sozinho. Contudo, mesmo assim, ele rende-se aos julgamentos sociais, imita condutas alheias e inventa universos e teorias para negar a sua própria insignificância no mundo, acomodando-se na ideia de que tudo pode ser controlado. Se, nas palavras de Quintana, até mesmo “o céu acendeu as estrelas porque tinha medo da escuridão”, os humanos idolatram deuses paternos para se sentirem saciados com um controle onipotente

e reconfortante, engenham ideologias, teorizam as forças ocultas do Universo como se o dominassem, fantasiam-se com os estereótipos da mídia e arquivam as redes sociais para tornar a vida editável. Assim, tudo está em seu devido lugar, inclusive eu, você e a pessoas ao seu lado. Caso você estivesse em um deserto e tais pessoas não estivessem aí, talvez começaria a se perguntar se está vivo ou não. Do mesmo modo, não questionamos esse nosso espetáculo de controle sem fim, porque nos alienamos diante do fato de nascermos e morreremos sozinhos e de sermos, apenas, mais matéria na poeira cósmica do universo infinito.

Logo, a posteriori, os sujeitos constroem significados para tudo ao redor e manipulam a realidade como se amassem essa existência inventada (ideologias, modas, teorias da gênese), tais quais Narcisos, isto é, seres que se cegam diante das imagens de autocriação. Logo, apesar de solitários, os sujeitos sempre afirmam precisar do “outro”, seja esse o amigo facebookiano, um valor familiar, um “bom dia” amigável ou uma discussão tensa para se afirmarem úteis na selva diária.

O vértice da questão é: após a de-

cisão de morar sozinho, as crenças se fatigam e os “outros” pulverizam-se. Obviamente, você não começará a se perguntar sobre as ideologias ou se as estrelas de Quintana existem no céu, mas sim você passa a negar suas teimosias (por não poder discuti-las), a tornar-se sua própria companhia, a preencher-se com um abraço amigo e a reconhecer sua utilidade (como levar o fedorento lixo para fora). Assim, o “outro” se metamorfoseia em “mesmo” - você e seu pijama furado - e os Narcisos encontram-se diante de espelhos sociais indiferentes. Afinal, ninguém desligará a panela do arroz para você ou verá se você tomou o antibiótico. Nesse momento, eis que surgem dois tipos de inquilinos: os nocauteados pela solidão (quando “estar sozinho” é dor) e aqueles que a nocautearam pela solitude (quando “estar sozinho” é revelação).

Logo, os sujeitos solitários preferem atestar a necessidade da companhia alheia para poderem justificar a própria solidão, enquanto outros tecem apenas o rude trabalho de perceber que a vida segue sem mistificação, isto é, a labuta de construir a própria identidade, de reconhecer as próprias limitações, de

exercer responsabilidades e de aventurar-se na comida instantânea. Aqueles aptos a burlarem o narcisismo convicto, atingem o estado de solitude e a autonomia de escutarem a si e de entenderem, na própria irrelevância, a liberdade de tudo poder, tudo controlar e tudo alcançar na sua morada onde o espelho social é ele mesmo.

Nesse sentido, morar sozinho ainda afirma uma escolha existencialista de controle do mundo, essa insaciável vontade humana. Contudo, tal controle é do mundo do Eu, a realidade interior, e a partir do silêncio pessoal, o homem enxerga sua utilidade - no universo da sua kitnet - e afirma sua existência irrisória, não mais burlando - a com o bode expiatório das suas invenções, convicções e solidões. Assim, até mesmo o homem que mais negou a solitude e engenhou múltiplas companhias, Fernando Pessoa, diz: “enquanto não atravessarmos a dor de nossa própria solidão, continuaremos a nos buscar em outras metades. Para viver a dois, antes, é necessário ser um”.

Larissa Zipoli
1º ano - Engenharia Civil

Resenha Musical

Blood for the Blood God, 7º álbum de estúdio da banda irlandesa de celtic folk metal *Cruachan*, sucede naquilo que esta se propõe desde seu início e executa com magnificência: mostrar um estilo congruente que caminha entre as melodias suaves dos mandolins, flautas e gaita-de-foles e a agressividade sombria das baterias metralhantes, guitarras pesadas e vocais rasgados.

Seguindo essa proposta, *Blood for the Blood God* remete às raízes do próprio *Cruachan*, com uma sonoridade que lembra àquela de seu primeiro álbum, *Tuatha na Gael*, mas com composições novas, produção enxuta e vigor que fazem este novo álbum atingir algo próximo à perfeição na amálgama do folk metal com o black metal, tão bem mesclados que o som já não pode ser classificado como um ou como outro, o que pode ser percebido nas canções do álbum. Em *The Arrival Of The Fir Bolg*, blast beats e tremolo pickings característicos do black metal mantêm o peso da música na medida certa enquanto a melodia principal que une flauta, gaita-de-foles e guitarra distorcida galopa através

da canção; *Born For War (The Rise Of Brian Boru)* mostra uma energia inesgotável entrecortada por bonitos interlúdios dos instrumentos folk; em *The Sea Queen of Connaught*, um épico de quase 8 minutos, a maturidade sonora da banda é exposta nas transições perfeitas entre as diferentes passagens da canção: em que há coros pautados pelo violino; em que os vocais rasgados e a bateria infatigável são assombrados pelo som dos teclados; em que a melancolia paira ao som do piano e do violino, para depois explodir em fúria novamente no final.

A temática da banda, à despeito das mudanças sonoras do *Cruachan* ao longo de sua existência, é a mesma em todos os álbuns, inclusive neste. As letras versam sobre lendas celtas, invectivas contra a igreja cristã, episódios da história da Irlanda e, de vez em quando, sobre a obra de Tolkien: como a *Beren and Luthien*, quarta faixa do *Blood for the Blood God*, que fala sobre uma das mais belas passagens da obra do escritor. Também uma das melhores do álbum, essa canção mostra alternância de vocais rasgados e limpos entre as bem colocadas mudanças



de ritmo e tem um dos melhores riffs já compostos do *Cruachan*.

A faixa de abertura, *Crom Cruach*, é um instrumental de violão, mandolim e violino que introduz uma atmosfera sombria que é mantida na faixa-título de *Blood for the Blood God*, canção de temática e musicalidade pesadas, cuja crueza é dada pelos blast beats e pela guitarra pesada e acentuada pelos lamentos dos violinos. Esses elementos também aparecem na mesma proporção em *The Prophecy*, sexta faixa do álbum.

A quinta faixa, *The Marching Song Of Fiach Mac Hugh*, a mais conhecida do álbum, traz reminiscências dos tempos de *Pagan* e *The Morrigan's Call*. Com melodia compassada pela per-

cussão e ornada por violino e flauta, a canção marcha, ganhando força com as guitarras distorcidas, até explodir em um refrão vibrante, que empolga o ouvinte e traz à sua mente a imagem de cabeças voando. O backing vocal feminino no refrão causa uma pontada de nostalgia em quem ouviu *Cruachan* nos tempos de Karen Gilligan, fazendo lembrar os duetos de Keith Fey e Karen. A instrumental *Gae Bolga* também se parece com as canções dessa época.

Perversion, Corruption and Sanctity, Pt 1 e 2, tão pesadas quanto a mais pesada do álbum, fecham o álbum. Este álbum que, em meio à agressividade das baterias metralhadoras, das guitarras frementes, dos urros e ros-nados juntos com a carícia dos sons suaves das flautas e violinos, perpetraram toda a verdade e inventiva que fazem de *Blood For The Blood God* uma obra-prima digna de uma das melhores bandas de folk metal que já existiu.

Breno Meirelles
3º ano - Engenharia Naval

ESPAÇO PARA RASCUNHO